

A IDEIA DE RELIGIÃO NATURAL EM HUME

Manoel da Rocha dos Santos*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo, apresentar religião naturalista a partir da filosofia humeana. Será tratado com ênfase o processo que deve ser feito para seguir a natureza humana, tal qual o filósofo dedica seus escritos falando sobre como o indivíduo que segue as paixões em vez da razão. O autor escocês parte do ceticismo para afirmar sua doutrina da religião naturalista e sua tentativa de explicitação do processo de evolução das religiões até chegar em sua defesa e adoção.

Palavras-chave: Religião. Razão. Paixões. Ceticismo.

1. INTRODUÇÃO

42

O filósofo e historiador britânico David Hume nasceu na Escócia em 1711 e viveu até o ano 1776. O seu primeiro escrito foi o *Tratado da natureza humana*, que terminou de escrever aos 27 anos de idade, nesse livro o autor descreve como o ser humano está ligado à sua natureza e propõe uma espécie de modo de agir de acordo com a sua essência, desconsiderando a razão prática. Essa obra inicial de Hume não foi bem aceita por seus leitores.

Este autor escreveu abundantemente sobre a religião, em oposição ao contexto histórico no qual estava inserido. Sua ideia acerca de “uma verdadeira religião natural” obteve uma grande hegemonia sobretudo após sua morte, quando foi difundido a obra *Diálogos sobre a religião natural*, seu escrito mais significativo sobre o assunto. A dissertação sobre a *História da religião natural* teve ampla repercussão. Nesta obra Hume descreve como surgiu a religião na vida e nas ações humanas, bem como nas conversões cíclicas entre o politeísmo e o monoteísmo. Na referida obra, Hume nos convoca a observar a diversas espécies de religiões em relação à tolerância e à moralidade. Em suma, neste texto, Hume

* Graduando em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR) e pelo Instituto de Filosofia Nossa Senhora das Vitórias (IFNV). E-mail: manoelrocha2010@gmail.com.

desenvolve uma investigação sobre os princípios “naturais” a partir dos quais se origina a crença religiosa, no âmbito de um estudo antropológico e histórico relativo a influência da religião na sociedade.

Hume, de forma direta, defende, explica e argumenta que todas as religiões populares se originam não de uma tentativa de entendimento racional do universo, mas das paixões humanas primitivas e básicas, somadas a incentivos naturais, tais como o medo e a esperança. De um modo geral ele chega à conclusão de que o conceito psicológico central sobre a experiência religiosa é totalmente governado pelas paixões.

Nesse texto pretendemos esclarecer qual é o conceito de religião natural em Hume. Para isso estruturamos o texto da seguinte forma: primeiro apresentaremos a origem das primeiras religiões; em seguida, será exposta a corrente teórica de Hume em torno do ceticismo e, por fim, será apresentada a teoria humeana que se encaminha para o entendimento da religião natural.

2. COMO TEVE ORIGEM AS PRIMEIRAS RELIGIÕES?

De uma forma primária e central, Hume fixa sua investigação sobre a religião, depois observa outras questões secundárias de grande importância no que se refere ao fundamento racional que se encontra na origem das religiões. O filósofo, partindo de argumentos naturais, descreve a religião de modo inteligente, ao explicar que nenhum investigador racional pode impedir a crença em relação aos primeiros princípios do politeísmo e do monoteísmo. Previamente ele afirma que o politeísmo foi a primeira religião dos seres humanos, através do seguinte argumento:

Se considerarmos o aprimoramento da sociedade humana desde seus mais primitivos começos até um estado de maior perfeição, creio que o politeísmo ou idolatrias foi, e necessariamente deve ter sido, a primeira e mais antiga religião da humanidade. Esforçar-me-ei para confirmar essa opinião mediante os argumentos que seguem. Um fato incontestável que aproximadamente 1700 anos atrás toda a humanidade era politeísta. Os princípios incertos e céticos de alguns filósofos, ou o monoteísmo, que não era inteiramente puro, de uma ou duas nações, não constituem objeções dignas de ser consideradas (HUME, 2005, p. 224).

Em consonância com o argumento anterior, no segundo argumento Hume descreve e ao mesmo tempo tece críticas ao monoteísmo e ao politeísmo:

Seria tão razoável imaginar que os homens habitaram palácios antes de choças e cabanas, ou que estudaram geometria antes de agricultura, como afirmar que conceberam a divindade sob a forma de puro **espírito, onisciente, onipotente e onipresente**, antes de concebê-la como um ser poderoso, ainda que limitado, dotado de paixões e apetites humanos, de membros e órgãos. [...] Nada poderia interromper esse progresso natural do pensamento, exceto um argumento evidente e invencível, que pudesse conduzir **imediatamente o espírito aos genuínos princípios do monoteísmo**, fazendo-o transpor, num salto, o amplo espaço intermediário que **separa a natureza humana da natureza divina**. Mas ainda que eu reconhecesse que a ordem e o plano do universo, quando cuidadosamente examinados, fornecem tal argumento, nunca poderia pensar, entretanto, que essa consideração poderia ter unia influência sobre os homens quando estes formavam **suas primeiras noções rudimentares de religião** (HUME, 2005, p. 24-25, Grifos nossos).

44

O autor realiza uma abordagem do conceito de politeísmo apontando as falhas dessa religião:

Além disso, se ao pensar no plano da natureza os homens fossem inicialmente levados a acreditar num ser supremo, eles talvez nunca pudessem abandonar essa **crença a fim de abraçar o politeísmo**; mas o mesmo **princípio da razão**, que inicialmente produziu e difundiu entre os homens uma opinião tão esplêndida, deve ser capaz, mais facilmente ainda, de preservá-la.[...]E, assim, imagina-se que as fábulas de HÉRCULES, de TESEU e de BACO foram originalmente fundadas na **história verdadeira, corrompida pela tradição**.[...] Se os argumentos são mais **abstrusos** e mais distantes da **compreensão comum**, as opiniões sempre permanecerão limitadas a um pequeno número de pessoas; e elas desaparecerão imediatamente e serão enterradas no esquecimento tão **logo os homens deixem a contemplação dos argumentos** (HUME, 2005, p. 26-27, Grifos nossos).

Levando em conta o que foi apresentado sobre as religiões monoteísta e politeísta pode ser feita a seguinte observação: ambas estão

ligadas pela linha do tempo, pois, uma surge na sequência da outra. É importante ressaltar também que estas religiões tiveram grande destaque no processo de desenvolvimento da sociedade. Feitas essas reflexões, a seguir será apresentado o pressuposto através do qual o autor expôs a sua compreensão da religião natural.

3. HUME E A CORRENTE TEÓRICA DO CETICISMO

De forma prévia, para começamos a entender melhor a religião natural na concepção de Hume é preciso situá-lo na corrente teórica do ceticismo¹. O estágio inicial desse pensamento está organizado com base no conhecimento humano, obtido a partir do uso de raciocínios indutivos, de experiências; outra questão seria a não justificativa dos fatos ocorridos no mundo em geral. Hume busca respostas em seu princípio de causalidade relacionando-o a teoria do conhecimento humano. Nesse sentido, para compreendemos melhor o que Hume quer nos apresentar, precisamos entender as principais consequências do ceticismo:

- a. É no espírito – e não na realidade – que a causa e o efeito são unidas. Alguém pode objetar, sem dúvida, que desde que nós usamos corretamente do **princípio de causalidade** nós podemos **determinar e prever**, com certeza, **o surgimento de um fenômeno**. [...]. b. Se é verdade, como nós indicamos acima, que todos os nossos raciocínios em **matéria de fato procedem da aplicação do princípio de causalidade**, é preciso concluir, agora, que nossos conhecimentos são, essencialmente, um fato de crença. Sem dúvida, **Hume fala de prova para designar a inferência** que nasce da união constante e sem exceção de casos semelhantes. [...]. c. A razão, quer dizer, a faculdade **capaz de descobrir as relações**

¹ Ceticismo (do Gr., *Skepsis*: investigação ou questionamento) Embora o ceticismo grego se concentrasse no valor da investigação e da formulação de questões, o ceticismo é hoje a negação de que o conhecimento ou sequer a crença racional sejam possíveis, quer quanto ou sequer a crença racional sejam possíveis, quer quanto a um assunto específico (e.g., a ética), quer quanto a todos os assuntos. O ceticismo nasce classicamente da observação de que os melhores métodos de investigação numa dada área parecem não ser suscetíveis de nos proporcionar um contato com a verdade (e.g., há um hiato entre a aparência e a realidade), e menciona frequentemente os juízos contraditórios que nossos métodos de investigação produzem, com o objetivo de mostrar que as questões acerca da verdade são insolúveis. [...] Tendências cétricas surgiram também, no século XIV, nos escritos de Nicolau de Autrecourt (fl. 1340). Suas críticas à possibilidade de obter qualquer certeza além da informação imediata dos sentidos e dos princípios lógicos básicos – em particular, de qualquer conhecimento, seja de substâncias intelectuais, seja de substâncias materiais –, antecipam o ceticismo posterior de *Bayle e *Hume (Cf. BLACKBURN, 1997, p. 58, verbete ceticismo).

entre as ideias e formar as regras gerias – por exemplo: todos os corpos são pesados – é apenas, na realidade, uma espécie de instinto (MARTINS, 2017, p. 8, grifos nossos).

Após compreender como Hume concebe o funcionamento da razão humana podemos saber, por meio das paixões, como é a ótica do autor em relação a razão. Após desvendar as principais consequências do ceticismo é possível perceber o grande valor da teoria de Hume desde daquele tempo que ele viveu até os dias atuais. As suas ideias quando bem assimiladas podem favorecer na constituição de um discurso humanístico, como afirma Cleantes em diálogo com Filão, nos *Diálogos sobre a religião natural*.

“ Parece certo que embora um homem, nunca descarga de humor depois de intensa reflexão sobre as muitas contradições e imperfeições da razão humana, possa renunciar inteiramente toda crença e opinião, é impossível para ele perseverar nesse ceticismo total [...]. Objetos externos o pressionam, paixões o solicitam: sua melancolia filosófica se dissipa, e mesmo a violência mais extrema sobre sua índole não será capaz, durante algum tempo, de preservar a pobre aparência de ceticismo. **E por que razão impor a si próprio tal violência?** Este é um ponto em que lhe será impossível satisfazer a si próprio de maneira consistente com os seus princípios céticos (HUME, 2016, parte I, § 6, p.21, grifos nossos).

46

Adentrando as propostas de Hume, nos deparamos com a sua crítica à metafísica, “... uma vez que ela não retira as suas crenças de senso comum, está alinhada ao **preconceito das paixões e da imaginação**. [...] revelam o germe da patologia do espírito e, por isso, é **severamente criticada por Hume**” (MARTINS, 2017, p. 9, grifos nossos).

Hume conduz o indivíduo a vários tipos de ceticismo, para libertar o “ser” das prisões impostas pela sociedade e pela religião. Em primeiro lugar ceticismo no campo da razão afirma que “... as regras são certas e infalíveis; mas quando as aplicamos, nossas faculdades, falíveis e incertas, têm uma grande tendência a delas se afastar e a cair em erro”².

Assegurado, nesse contexto, o ser humano é levado a seguinte dúvida: devemos examinar nosso primeiro entendimento ou segurança em

² *Tratado da natureza humana*, seção 1, Parte 4, p. 213.

meio aos novos entendimentos? Ao buscar alargar nosso olhar para englobar o que alguns casos na história “... nossa razão deve ser considerada uma espécie de causa, cujo efeito natural é a verdade; mas esse efeito pode ser frequentemente impedido pela irrupção de outras causas, e pela inconstância de nossos poderes mentais”³. Em consonância com relação a mente o autor acredita que o “efeito natural” leva a uma razão com ligação intrínseca natural humana.

Em segundo lugar o ceticismo que é superado pela “... natureza, por uma necessidade absoluta e incontrolável, determinou-nos a julgar, assim como a respirar e a sentir”⁴, a partir do qual o autor ressalta a necessidade absoluta da natureza no contexto do “juízo ou do julgar”. Complementando tudo isso o autor afirma; “... quem quer que tenha-se dado ao trabalho de refutar as cavilações desse ceticismo *total*, na verdade debateu sem antagonismo e fez uso de argumentos na tentativa de estabelecer uma faculdade que a natureza já havia antes implantado em nossa mente”⁵. Nesse sentido é abordado algo que já está dentro nossa mente desde o nascimento.

Em terceiro lugar, o ceticismo, quanto aos sentidos Hume afirma o seguinte: “Assim, o **cético** continua a racionar e a crer, muito embora afirme ser incapaz de defender **a razão pela razão**”⁶, pois essa filosofia se encaminha na corrente empirista e se mostra crítica ao racionalismo. Dentro desse contexto Hume ressalta “a natureza humana é a única ciência do homem; entretanto, até aqui tem sido a mais negligenciada”⁷, nesse sentido, o autor aborda a aceitação da natureza humana como um “ciência humana”, elencando para aceitação do ser mesmo, para correr risco de distrair-se e acabar perdendo sua natureza. Outro apontamento do autor com relação a metafísica:

A conclusão de Hume é que estas provas *a posteriori* ferem as regras do conhecimento humano, pois epistemologicamente e metafisicamente não há fundamentos seguros para garantir tal tipo de conhecimento. Mais uma vez, Hume insiste não que não haja um Deus - coisa que Gaskin e Sessions também afirmam -, mas que as tentativas de provar sua existência estão além de

³ *Tratado da natureza humana*, seção 1, Parte 4, p. 213.

⁴ *Tratado da natureza humana*, seção 1, Parte 4, p. 216.

⁵ *Tratado da natureza humana*, seção 1, Parte 4, p. 216.

⁶ *Tratado da natureza humana*, seção 1, Parte 4, p. 220, grifos nossos.

⁷ *Tratado da natureza humana*, seção 7, Parte 4, p. 305.

qualquer racionalidade ou fundamento científico, por isso Hume afirma preferir ficar com o ceticismo, pois este se apresenta mais coerente, uma vez que a filosofia deve se afastar das superstições da religião, pois não há nada de racional na religião, como pretendem os religiosos (LOPES, 2013, p. 356-357, grifos nossos).

Alicerçado nesses fundamentos da religião, podemos compreender como esse filósofo, a partir da sua noção de religião natural e de sua dialética, expõe o fundamento da religião natural, através de uma argumentação sólida. O fundamental na filosofia de Hume é levar as pessoas a uma crença com leveza e simplicidade, sem o peso da razão pura ou das leis morais que pesam sobre ela. No tópico a seguir, procuramos apresentar como o autor estabelece a via de acesso a essa “verdadeira religião natural”, defendida por ele.

4. A TEORIA HUMEANA DA RELIGIÃO NATURAL

Fazendo um breve aprofundamento da teoria humeana, podemos através de etapas chegar até a proposta do autor em relação à crença. Conforme o autor ensina é necessário observar todas as etapas que conduzem a libertação dos princípios ilusórios. Em sua obra *O tratado da natureza humana*, Hume descreve as etapas para alcançar esta compreensão da religião:

- a. Assim, na segunda seção deste capítulo trataremos da **concepção humeana de método empírico**, seus limites e possibilidades, proposta essa que pretende substituir o método racionalista de fundamentação.
- b. A terceira seção apresenta a tentativa humeana de compatibilizar os conceitos de liberdade e necessidade mostrando que o homem não possui uma liberdade em sentido estrito e que suas ações procedem de seu caráter. O objetivo desta seção é mostrar que a noção de necessidade, a qual usualmente associamos às relações entre os objetos externos, permeia nossas ações e nossos juízos morais (PORTELA, 2012, p. 13, grifos nossos).

Após o que foi descrito no texto supracitado, fica evidenciado o modo como Hume contextualiza sua teoria do conhecimento. A partir daí

compreendemos que os seres humanos são guiados pelas paixões e não pela razão. Aplicando esta teoria à sua proposta de religião natural fica fácil compreender porque segundo Hume a religião não se deixa definir pela razão, mas sim pelas paixões humanas. Depois desse levantamento podemos situar a doutrina humeana da história, ao lado de outras concepções de religião, como as religiões positivas do: judaísmo, catolicismo, e protestantismo, que são criticadas por Hume. Essa crítica nós encontramos em autores como Rousseau, que em cuja *Profissão de fé do vigário saboiano* contrapõe a religião positiva ao dogmas simples da religião natural:

Vês em minha exposição apenas **a religião natural**; é muito estranho que seja preciso outra. Por onde conhecerei essa necessidade? De que posso ser culpado ao servir Deus de acordo com as luzes que ele dá ao meu espírito e de acordo com os sentimentos que inspira ao meu coração? Que pureza de moral, que dogma útil ao homem e honroso ao seu autor posso tirar de uma **doutrina positiva que eu não possa tirar sem ela do bom uso de minhas faculdades**? Mostra-me o que podemos acrescentar, para glória de Deus, para o bem da sociedade e para meu próprio proveito **aos deveres da lei natural**, e que virtude farás nascer de um novo culto que não seja consequência do meu (ROUSSAU, 2014, p. 419, grifos nossos).

49

Rousseau, um verdadeiro crente e propagador da religião natural, na defesa da fé que é realizada pelo *vigário saboiano*, – texto constante na obra *Emílio* –, acredita que pode defender seus próprios dogmas, através da condução de uma vida guiada pelas “paixões”. Seguindo essa linha de pensamento no final da parte XII, dos *Diálogos sobre a religião natural*, o autor reafirma a posição defendida ao longo de todo o livro. Uma posição que o autor reafirma e defende durante todo o livro ao dizer que:

Se **a teologia natural**, como parecem sustentar alguns, se resume a uma proposição simples, embora algo ambíguo ou ao menos indefinida de que ‘a causa ou causas de ordem no universo provavelmente sustenta alguma analogia remota com **a inteligência humana**’, se está proposição não for capaz de extensão, variação ou explicação mais particular, se ela não fornecer nenhuma inferência que afete a vida humana ou possa ser a fonte de qualquer ação ou proibição, e se a analogia, imperfeita como ela é, não puder ser levada para mais longe do

que a inteligência humana, nem transferida para as outras qualidades da mente com qualquer aparência de probabilidade – se este realmente for o caso, o que poderá o homem mais **inquisitivo, contemplativo e religioso fazer além de dar um assentimento pleno**, filosófico à proposição, tão frequentemente quanto ela ocorre, e crer que os argumentos sobre os quais está estabelecida excedem as objeções que se lhe opõem? Certa pasmeira de fato surgirá naturalmente de magnitude do objeto; certa melancolia, da sua obscuridade; certo desprezo pela razão humana, por ela não poder dar uma solução mais satisfatória a respeito duma questão tão grande e magnífica (HUME, 2016, parte XII § 33, p. 145-146, grifos nossos).

A citação acima permite expor a ideia de que essa religião natural, tão respeitada e reverenciada por Hume, é uma crença boa, simples e eficaz para a vida. Através dela o filósofo mostra o caminho de uma doutrina humanística, direcionada pelas paixões naturais, e não segue o caminho racional de leis, tradições, dogmas. Fica evidente a sensação de que esta crença é acessível a todos os seres humanos, por não conter exigências racionais de normas que remetem a um deus distante. Por fim, a religião natural, cuja crença é purificada do dogmatismo e legalismo reconstrói a ligação entre o homem e a natureza (estritamente na dinâmica naturalista).

50

5. CONCLUSÃO

Ao final da leitura do livro *História da religião natural* fica evidente o cuidado do autor em investigar todas as diversas religiões que o cercavam, à medida que ele apresenta a origem de cada uma delas e suas falhas. No seu livro *Diálogos sobre a religião natural* ele detalha toda sua doutrina usando de personagens para afirmar sua crença naturalista e propagá-la entre seus leitores. O autor promove, através de uma linguagem simples um método claro de sua exposição conceitual das diversas religiões.

É importante salientar a originalidade das ideias de Hume em suas obras sobre a religião, nas quais o autor apresenta uma reflexão sobre a “religião natural” a partir de sua vivência naturalista e das investigações das religiões históricas. Hume deixa claro, nestes dois escritos, o caminho para viver as ações de acordo a natureza humana, colocando a razão com

escrava das paixões. Sendo este o ponto de partida para os seres humanos aderirem ao seguimento da religião natural.

REFERÊNCIAS

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio Janeiro: Zahar, 1997, p. 58.

HUME, David. **Tratado da natureza humana**. São Paulo: Unesp, 2009.

_____. **História natural da religião**. São Paulo: Unesp, 2005.

_____. **Diálogos sobre a religião natural**. Salvador: Edufba, 2016.

_____. **Investigação acerca do entendimento Humano**. São Paulo: Nova Cultural, 1989 (Pensadores).

LOPES, Luis Felipe. A filosofia da religião em David Hume: irreligiosidade e religiosidade limitadas, **Revista do Dpto. de Teologia da PUC**, n. 44, mai.-ago., 2013, p. 344-365.

MARTINS, Jasson. **Religião natural e ceticismo**. Vitoria da Conquista: IFNV, 20/092017, 30p. Texto não publicado e não revisado.

PORTELA, Bruno Martinez. As bases empíricas da moral em Hume. **Dissertação de mestrado** (Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia). Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2012, 92f.

ROUSSAU, Jean Jacques. Profissão de fé do vigário Saboiano. In: _____. **Emílio ou da educação**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 372-449.



Manoel da Rocha dos Santos

<http://lattes.cnpq.br/4937462960664457>